

## Dastidores do poder

# Os fantasmas escrevem

Redatores que emprestam o brilhantismo literário para políticos contam suas histórias e dizem como é ficar atrás da cortina, criando discursos para os outros

FERNANDA LAMBACH // DAQUI PÔDE CORREIO

**“**  
**MEU SONHO É QUE AS PESSOAS OUÇAM O PRONUNCIAMENTO DO DEPUTADO E CORRAM PARA O AEROPORTO**  
Osmar Lannes

**É ABSOLUTAMENTE NORMAL COLOCAR NO PAPEL UMA IDÉIA QUE NÃO É MINHA. SE QUISER EXPRESSAR MEUS PENSAMENTOS, ESCREVO UM ARTIGO E ASSINO**  
Edmilson Caminha

trangeira na boca de um deputado culto, tendo certeza de que ele saberá lê-la sem se enrolar. Ao mesmo tempo, é capaz de traçar linhas simples, das quais até as proparoxítonas são expulsas, para evitar que deputados menos letrados se confundam.

Eles são *fantasmas* e orgulham-se disso. Divertem-se sempre que podem escrever um texto brilhante para ser lido pelo político a quem servem como consultores. Não se trata de psicografia ou outra arte espírita, mas da técnica de exercitar as palavras em textos salpicados de inteligência. Os *ghost writers*, pessoas que ganham a vida escrevendo textos que levarão a assinatura de políticos e outros famosos, estão aí para contar suas histórias. Criam estilos, mas fazem questão de manter a humildade e repetir frases como a de Atran Dourado, quando elogiado pelos discursos que escreveu para Juscelino Kubitschek: "Eu era apenas a mão que escrevia".

Só na Câmara dos Deputados há mais de cem consultores legislativos atuando em 21 áreas diferentes, que preparam estudos, elaboram pareceres e escrevem pronunciamentos para os 513 deputados. O Senado Federal também conta com um time de redatores prontos para auxiliar os 81 senadores. "Por que exigir de um ator, um músico, um milionário, um atleta que, além dos dons que os fizeram ricos e célebres, se descubram grandes escritores? Seria querer muito de uma só pessoa... Para tanto existem os profissionais do texto que cobram pelo que produzem como qualquer trabalhador", diz Edmilson Caminha, profissional *ghost writer*.

Caminha — o sobrenome parece ser mera coincidência com o do ilustre escritor português Pero Vaz — é um dos mais cotados consultores parlamentares da Câmara e garante: se fosse eleito, seus discursos também seriam escritos por outras pessoas. "Eu não teria tempo de escrever nada." O consultor é conhecido pela agilidade com que lida com as palavras. Sabe colocar uma expressão es-

Ele exemplifica: se tivesse que escrever sobre o mesmo assunto para gente como Guimarães Rosa, que dominava 11 línguas, e para o Garrincha, faria pronunciamentos totalmente diferentes do ponto de vista do texto. "Para Guimarães Rosa eu usaria uma expressão em inglês, francês, até mesmo em grego, que ele saberia ler sem gaguejar. Para Garrincha teria que fazer um texto mais simples, mais singelo."

**A FAVOR E CONTRA** Na maioria das vezes, os políticos orientam o *ghost writer*, indicando o que pretendem dizer e com que cores. Aviam se querem criticar veementemente uma situação ou pessoa ou se querem fazer elogios exagerados. Também ajustam o termômetro da ironia, pedem dados que devem ser pesquisados, números que gostariam de apresentar, argumentos necessários para embasar raciocínios.

"Preparo o bolo segundo uma receita. Daí ser absolutamente normal colocar no papel uma idéia que não é minha. Não sinto qualquer constrangimento ético ou moral nisso. Se quiser expressar meus próprios pensamentos, escrevo um artigo e assino", diz Caminha.

Dessa maneira, ele e muitos colegas já escreveram, simultaneamente, discursos a favor e contra um determinado assunto. Foi assim, por exemplo, na época em que o governo de Fernando Collor de Mello estava em xeque. Escreveu textos interessantes, tanto aplaudindo quanto vaiando o ex-presidente. Se tem que defender algo com o que não concorda pessoalmente, Caminha toma a situação como um desafio intelectual.

Outro redator da Câmara teve muito trabalho durante o governo Fernando Henrique Cardoso. Alguns deputados queriam criticar as altas taxas de juros, outros pediam



discursos que mostrassem a necessidade de os juros estarem naquele patamar. Como ele é um dos responsáveis pela consultoria de economia, trabalhava fiel aos números, mas atendia a gregos e troianos. "Ainda bem que todo fato econômico tem os dois lados", diz João Ricardo Motta.

No exercício de redação, Osmar Lannes, também responsável por temas econômicos, tem se especializado em exaltar as belezas dos estados brasileiros. Já falou sobre as riquezas do Amazonas, do Maranhão, do Piauí, do Espírito Santo, do Paraná e de Santa Catarina. "Uma vez não havia quem fizesse um texto sobre turismo e o trabalho foi passado para ele. A partir daí, todos os textos de turismo são encaminhados para o Osmar", conta João Ricardo. "Me sinto um verdadeiro agente de viagens. Meu objetivo é motivar o plenário para a importância do turismo como atividade econômica. Meu sonho é que as pessoas ouçam o pronunciamento do deputado e corram para o aeroporto", diz Osmar.

**HIP HOP NO PLENÁRIO** Escrever pronunciamentos pode ser um grande prazer. Recentemente, o Clube de Regatas do Flamengo foi homenageado. O redator designado para elaborar

assemelhados? Isso é algo absolutamente enigmático. Não é?", brinca um colega.

Certa vez, pediram para alguém redigir um projeto de lei criando o Dia Nacional da Refrigeração. "Com toda a frescura que impera nesse país?", questionou alguém. O redator percebeu que não seria apropriada a apresentação de tal projeto. Conversou com o deputado e conseguiu abortar a ideia.

E as histórias continuam. Para a recente homenagem aos 20 anos da morte de Garrincha, que abandonou seus fãs em 1983, um parlamentar encorajou discurso responsabilizando as autoridades do futebol e Pelé pelo triste fim que teve o atleta. "Deputado, o Garrincha tinha um grande inimigo: a bebida. Não é conveniente responsabilizar os outros pela forma com que morreu", argumentou o redator. O político viu que estava cometendo um erro e desistiu das acusações. "É papel do consultor ajudar o deputado a não se expor ao ridículo", conta.

Nada melhor para todo *ghost writer*, no entanto, do que o momento em que ele descansa do trabalho e pode se dedicar a seus próprios pensamentos. "Ufa. Até que enfim eu sou eu!".

**A IDEIA E O VOZEIRÃO** O mineiro Dario Viotti não revela nem a idade nem para quem já escreveu pronunciamentos. Ele tem inúmeras prateleiras de casa uma biblioteca de 200 anos. Foi promotor de Justiça em Minas Gerais, juiz federal e aposentou-se escrevendo pareceres e discursos no Senado. Para redigir os textos, conta com muito mais do que os livros impecavelmente organizados nas prateleiras. Viotti tem muitas histórias para narrar. O pai dele, Polycarpo, acompanhou de perto um dos maiores oradores da história brasileira e participou da Convenção de 1909, votando em Rui Barbosa para candidato à Presidência da República.

Hoje em dia, na dificuldade de encontrar políticos que desenvolvam textos com brilhantismo literário, Viotti acredita que a missão de um bom assessor é unir boas ideias a um vozeirão. "O governante não precisa ser um criador de ideias. O melhor estadista é o que melhor sabe cercar-se de assessores."

Certa vez, ele assistiu ao então governador de Minas Gerais, Aureliano Chaves, discursando com enorme risqueza literária. Ficou impressionado. Não era possível que um engenheiro tivesse desenvolvido tanto estílo. Foi então que encontrou o escritor Mello Cançado silenciosos, ouvindo o pronunciamento: "Ele era um dos maiores estilistas da época. Logo vi que tinha redigido o discurso." Viotti o inquiriu: "Foi você, né?". Cançado tentou esquivar-se dos elogios, mas a mulher, orgulhosa, confirmou: "Foi ele mesmo. Foi ele quem escreveu".

Redigir discursos para políticos é uma atividade muito discreta no Brasil, embora normal", declara o jornalista Mauro Santayana. Ele lembra que existe uma associação nos Estados Unidos para reunir quem são e os que foram *ghost writers*. "A atividade é antiga e conhecida na história. Churchill, ao se referir ao rival Clement Apley, disse: 'Era um político tão medíocre que escrevia os próprios discursos'. Péricles dizia ser a mulher, Aspásia, quem redigia os seus pronunciamentos", continua o jornalista.

Infelizmente, nem todos os políticos leem os textos com perfeição. A chamada "falha nossa" é bem presente em discursos históricos. Viotti lembra-se de um político mineiro que não deve ter tido tempo de ler o discurso que escreveram para ele antes do pronunciamento. Estava escrito: "De Minas, quiçá do Brasil...". E ele leu: "De Minas, cuíca do Brasil". A confusão provocou muitas gargalhadas. ■